Susana Vieira

(Lisboa, Portugal) é doutoranda em Estudos Portugueses (especialização em Estudos de Literatura), na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, e membro investigador no CLEPUL (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa) e na CIDH (Universidade Aberta). Em 2016, "O silêncio no ovo" recebeu menção honrosa no Prêmio Literário Irene Lisboa, do município de Arruda dos Vinhos, em Portugal.

E-mail: susanatvieira@gmail.com.

no meio do esmagamento. Tem sido assim desde o começo de tudo: o sol desce sempre e, nessa descida, ele é maior do que a terra. O esmagamento parece evidente e difícil de ignorar mas, no último segundo, muito sabiamente, ela abre-se como uma cova e ele entra nela com forte desejo e fica dentro dela calado, num grande e luminoso silêncio. A terra estremece um pouco, mas o seu tremor é suave e o aroma quente que liberta é ela respirando com pudor — porque gostou e sabe que, nesse momento, foi ela que venceu e que detém o poder. O sol fica lá, fertilizando-a até que chega a manhã. A natureza soluça infimamente de felicidade. Quando tudo fica impercetível, o homem desagarra-se da mulher e regressam a casa. O medo passou.

osilêncionoovo

O homem e a mulher passam pela terra estreita e comprida, enlameada pela abundância da chuva e enfiada entre a erva alta de onde despontam exuberantemente os pomos vermelhos das papoilas. Eles passam pela charrua – ela que, embora tão quieta e aparentemente impotente no seu repouso, espera o dia seguinte para retomar a tarefa de lavrar a terra e, desse modo, preparála para conceber a vida. É, portanto, grande a sua tarefa. A sua utilidade faz o mundo prosperar até uma dimensão inimaginável. As sementes que fazem a vida começar só encontram o seu lugar depois que o arado gigante lhes mostra o caminho. E, então, depois que sabe que a sua tarefa foi cumprida com sucesso, pode ficar um pouco quieta, porque a sua ação fez o mundo germinar.

Desce a banda laranja do sol sobre a terra, tornando-a uma barata escura e pequena – fácil de esmagar, forçando-a a questionar-se se, porém, será merecedora de tanta grandeza que se seguirá. Homem e mulher ficam mais juntos, com medo de desaparecerem

O zumbido das melgas que voejam em torno do pequeno vaso cobrindo a lamparina progride de modo quase insuportável. Antes da ceia, o homem e a mulher sentam-se no alpendre e têm sonhos. Separados, e não o confessam. Entre eles o silêncio é o vidro em que não se atrevem a tocar. A mulher já o havia experimentado um dia, raspando os dedos nele. Achou-o tão liso e sentiu que ele era lindo. Quando o homem descobriu, bateu na mulher e ela não se atreveu mais. Mas ela não vive inteiramente infeliz: ela engoliu o pouco de silêncio que tinha ficado colado nos dedos e agora vive com ele dentro dela. O homem não sabe. Mas a mulher tem de ser cuidadosa e passar bem discretamente ao lado do homem, porque o silêncio engolido engoliu – ele também! – a sombra dela. Ela é agora uma mulher sem sombra e deixou, por isso, de ser uma fêmea inteira. Sem a sombra que a fertilizava, a mulher tornou-se numa coisa árida – sem o ciclo dentro de si que revigora o mundo. Perdeu o condão mágico que a ligava à terra pela semelhante condição da fecundação. A mulher é a terra estéril que, mesmo sendo muito e fundamente amada, não pode conceber o que o homem quer, porque ela já não é mais fecunda. Ela, que queria gerar

30

um ovo seu – por que as galinhas têm tantos ovos dentro de si que os deitam fora, sem os quererem? E ela que não consegue ter um só... Em cada noite que vem e pinga do ventre cru do mundo, ela aconchegase na humidade penosa do galinheiro, pega nos ovos e, sem que o homem perceba, toma-os no seu regaço e amacia-os perante o olhar bicudo e estúpido das galinhas. Ela embala-os... Depois, ouve a respiração sôfrega do homem que se aproxima e levanta-se rapidamente e, com os braços bordejando de modo seguro alguns dos ovos, apressa-se a entrar na cozinha para preparar a omelete que saciará a fome dele. Se ela se aplicasse a fazer – do mesmo modo correto com que embala os ovos e os seus olhos refulgem com esse ato – o que a alma lhe sussurra sempre, ela acabaria por ficar rasa e nua diante do que é perfeito demais um pouco de si ou quase tudo ficava diluindo-se com o universo e muito longe do que consegue distinguir, sem a forma certa de se integrar e completar-se de novo. Ela prefere, então, ficar assim: vogando bem de mansinho, sem pisar o barulho com o seu silêncio – tão parado, porém, tão audível.

As galinhas continuam a ciscar o chão e a largar ovos, infinitamente indiferentes a qualquer sensação ou arrependimento. Para quê perturbar, então? Parece ser bom que tudo fique como sempre foi. Quando não há ondas pode avançar-se mais de encontro ao longe, pode consequir-se a união sublime com o silêncio comprido – ela sacia-se com essa descoberta: os lábios fremem dolorosamente e a língua levanta-se – todo o seu corpo sente-se húmido e ela sente uma leve e doce tontura – quando o silêncio entra nela, puxa à superfície das coisas todo o escuro que há dentro dela e murmuralhe que estará – para todo o sempre – incansavelmente sozinha. Sozinha... Ó Deus!... como ela se excita, em que estado perfeito de transe se vê quando compreende todo o saber que existe nessa descoberta. Todo o tempo que dedicou a preparar-se para receber essa descoberta em toda a sua magnanimidade... Ela treme, todo o seu corpo treme, ela sente o prazer a evoluir como se nascesse e se formasse inteirinho só para ela... As galinhas pisando delicadamente a terra e ela pensando na beleza que tem quardada só para si... Mas algo a incomoda: o homem afasta o prato vazio e puxa para si a mulher. Ele sorri-lhe gostosamente, o fogo dos olhos revelando a natureza do homem e ela afasta o rosto e todo o seu corpo que o homem empurra e deita no chão, arrancando-lhe as roupas e furando tudo o que a terra lhe dera. Dentro dele há um mar que o procura lá muito longe e o chama; ele, contudo, não responde porque do fundo da sua garganta sai um ar branco que o sufoca e o faz desejar mais. Então, continua em busca do mar que o salve. Ele puxa, puxa, puxa até as mãos se soltarem e ele ser livre... Nesse instante, o mar sobe com toda a sua força e verticalidade e, possante, revela-se fora do ar branco. Dentro do homem - vazio de mar - corre uma água mais tranquila, quase quieta e dormente, que o embala e o recolhe no interior do ar branco. A mulher continua a admirar as galinhas pisando o chão adormecido e deitando ovos em cada passo acertado.

O zumbido das melgas morre sob a chama apagada.

Na elevação fica a outra casa daquele lugar — que só tem duas casas, portanto. É a casa do velho. Sob o movimento envolvente da luz da lamparina que desenterra a casa pela sua anunciação, o velho vê a galinha e percebe tudo antes de ela achar que pode começar o que quer que tenha planeado. A galinha de penas brancas e pretas que tentara com certa ardileza, no limite do que julgava ser a sua coerência, a fuga — coitada. A sua corrida é antecipada pela sabedoria do velho. Um pau de pinho é lançado, desde o ar alto e escuro, sobre o pobre corpo de penas e sangue. Ela nem chega a sentir o suspense da surpresa. Não vê sobrevir o pânico e, por isso, não foge mais do que

corre. Na verdade, ela continua suspensa no próprio pensamento da fuga. Corre... corre... corre... co... O ar que rodeia em volta do pequeno corpo une-se e fica mais grosso, indo depois embora. Finalmente, ele calça as alpergatas e sai para fora de casa, pisando firmemente o rumo íngreme da terra escura. Ele sabe onde vai. Pelo menos, até onde à natureza de uma pessoa lhe é permitido saber.

O velho olha tudo à sua volta e sorri, benevolente, fingindo que percebe. Tenta reunir a larqueza de tudo o que observa num único ponto, reduzindo-o por forma a que consiga agarrar nesse ponto mais pequeno, onde conteve tudo o que é maior, e compreender melhor a vastidão do que o rodeia e o absorve. Mas até mesmo o próprio pensamento que carrega é maior do que ele. Ele desejava poder pegar no pensamento e enterrá-lo, como a uma pequena semente, e vê-lo a germinar mais devagar dentro de si, de modo a poder acompanhá-lo. Porque o velho já percebeu que, no meio da confusão gerada pelo pensamento - que foge e retoma o seu lugar sem nada avisar –, ele percebeu, no meio dessa confusão, que o pensamento é mais perspicaz que todo ele inteiro. Ele – que tanto queria afunilar a escuridão e tomá-la inteira para si.

As suas intenções confundem-se subtilmente com as fiadas do vento imperfeito. Ele quer entrar no vento e ficar por lá, talvez fazer parte dele como uma coisa única que jamais fosse tocada. Passeando os olhos pelos campos cultivados, o velho apoia-se na certeza de tudo ser flutuante. Em meio do enorme desgosto que se encova no seu peito arfante, ele esquece-se entretanto da vontade de se enfiar no vento e ser o próprio vento. Esquece-se inteiramente do seu pensamento que é maior do que ele. A paisagem que o cerca amolece-lhe a vontade de algo novo, cerceia-lhe a necessidade de se ligar a alguém, de se dar como um ser diferente e inteiramente renovado, melhorado. Porque – o que seria o amor senão essa coisa brilhante

de se dar para se tornar uma pessoa diferente, mais aberta à tentativa, ao melhoramento? Poder soltar todas as fiadas...

Ao regressar a casa e fechando a porta atrás de si, sente alguém que veio para bater no postigo e não o fez, no entanto.

A água do rio corre translúcida. Nas margens cresce o suculento aroma das amoras gordas e luzidias. Sem um gesto desacertado, parece que o dia nasceu no mundo só para ser feliz. O velho tenta apanhar os peixes usando uma cana bem magrinha e um fio grosso em cuja ponta, num anzol um pouco ferrugento, se torcem languidamente as minhocas aneladas. A libélula que passa por cima da cana, empurrada pela corrente de frio, desperta o velho para a imagem refletida no espelho da água. Quando se volta, a água treme, a figura treme e uma sombra, vinda de parte desconhecida, desce e enche o ar com um frio branco. Não muito tempo depois, o anzol fica preso no lodo. As minhocas perdem a vontade de se contorcerem e ali ficam, absurdas na sua morte. O velho sente uma força maior - vinda dessa sombra – que o empurra e ele cai na água. A corrente está muito forte e a água puxa-o. Consegue, porém, agarrar-se a uma pequena rocha na margem mas compreende que o seu gesto estava errado desde o início. A vegetação envolvente, entretanto acordada do seu sono prolongado, reverbera com os factos nela acontecidos. O rumorejar das ramadas, das árvores, dos arborescentes denuncia a fuga dos animais. Dentro do velho, o ruído vai-se aprofundando até se tornar numa matéria delgada mas sem conteúdo definidor. Ainda ouve o que lhe parece ser uma pequena explosão, seguida do que vê transformar-se num enorme clarão vermelho que evolui atrás da sombra. O velho encara demoradamente o clarão que engorda, dominando a cor do ar: a sombra aproxima-se e reúne-se na figura

310

que o observa, desprendendo-lhe a mão do último nó que o amarrava à vida. Enquanto a água límpida e transparente do rio o engole, uma ave devora as amoras, insensível ao velho que a olha cheio de cólera, porém, sem a ver. Perde o cheiro da pele dela. Quando ela o procurou na noite do vento. O ar fica branco. Fica no silêncio. Perde o gesto.

Do cimo da margem, a mulher repara em tudo. Percebe que a sombra deixou de estar ausente e quis enformarse de novo; tanto assim foi que ela a aceitou sem se demorar em nada que fosse menos que insignificante. Não obstante esse pequeno momento que ela tomou como sendo de anunciação e encantamento, o cheiro pressentido da morte agride-lhe o rosto e ela sente uma pequena náusea. Então, pousa tranquilamente a mão sobre o ventre que se avoluma: o seu ovo que cresce na justa medida. Ela baixa-se e acaricia a terra com o mesmo amor com que a sua pele fora afagada - corretamente, como toda a pele de uma mulher deveria ser tocada e apreciada. Abraçavam-se, ele e ela, debaixo de um vento, enfrentando-se no mesmo olhar. Agora, porque se descuidou e ousou levantar a campânula de vidro, ela terá de continuar sozinha, passando soltamente ao lado da casa que arde – com o homem dentro dela.

(De modo molemente comum, a água do rio continua a correr, todavia menos translúcida. Nas margens, as silvas crescem enroladas, sem escolho nem despojamento e sem o suculento aroma das amoras, outrora gordas e luzidias. Os dias permanecem nessa enfiada de nascerem só para serem felizes, assim parece ser. Indiferentes a tudo isso, os animais aquietam-se, por enquanto, devorando as galinhas e a casca dura que antes cobria e protegia o mundo – quando era um tanto mais lúcido e tudo parecia ser um pouco mais afinado.)